

A HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO
EM VILA NOVA DE GAIA

COORD.
CLÁUDIA PINTO RIBEIRO
FRANCISCO MIGUEL ARAÚJO

Título: *A História da Educação em Vila Nova de Gaia*

Coordenação: Cláudia Pinto Ribeiro
Francisco Miguel Araújo

Fotografia da capa: fac-símile do «Projecto da Escola Municipal “Pinto Mourão”, lugar de Laborim de Baixo»
(Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner – Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia)

Design gráfico: Helena Lobo | www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-70-8

Depósito Legal: 426971/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Porto

Junho 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

Apoios: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner; HISTEDUP – Associação de História da Educação de Portugal.

A ESCOLA PRIMÁRIA GAIENSE DURANTE O ESTADO NOVO NA OBRA LITERÁRIA DE AFONSO RIBEIRO E J. RENTES DE CARVALHO

J. A. GONÇALVES GUIMARÃES

Resumo: O ensino dos primeiros mitos, números e letras às crianças, marca-nos para sempre quando adultos, muito mais do que a família, a religião ou a descoberta da cidadania. Os diversos estudos sobre a Escola Primária do Estado Novo têm permitido compreender o seu afã na transmissão de valores medíocres e castradores para a compreensão do universo e a capacidade humana na transformação social. No que diz respeito a Vila Nova de Gaia, quer na sua parte rural, quer na citadina, apresentamos aqui dois testemunhos literários sobre essa realidade: os dos professores e escritores Afonso Ribeiro e J. Rentes de Carvalho. Cremos que estes relatos, para além da sua beleza ou certidão literária, são um interessante contributo histórico porque não se baseiam na fantasia narrativa ou em adornadas composições, mas sim na experiência concreta de ambos na descrição das suas vivências pessoais em épocas distintas do século XX.

Palavras-chave: *Estado Novo; Vila Nova de Gaia; Escola Primária; Literatura.*

Abstract: Crucial processes like enrolling in Primary School, learning the first letters, numbers and myths leave an indelible mark that is carried into adulthood, even much more than family, religion or citizenship influences. Various studies about Portuguese primary school education during the Estado Novo dictatorial regime emphasised its focus on spreading mediocre and castrating values about knowing and changing reality and the world. Considering both rural and urban Vila Nova de Gaia, we comparatively assess two literary testimonies about the primary school of that era: those of teachers and writers Afonso Ribeiro and J. Rentes de Carvalho. Beyond their literary merits, such accounts represent compelling historical sources as they illuminate the autobiographical educational experiences of both authors in different phases of the 20th century.

Keywords: *Estado Novo; Vila Nova de Gaia; Primary school; Literature.*

1. UMA TERRA COM ESCOLAS

No território gaiense existem textos com mais de 2000 anos, o que quer dizer que a transmissão do pensamento através da escrita é aqui bem antiga¹. Tal implica sempre mestres e discípulos, mas sobre eles nada sabemos. Também pouco sabemos sobre as escolas conventuais dos mosteiros de Grijó e Pedroso na Idade Média² e, eventualmente, das de outros cenóbios. A mesma ignorância sobre a formação de escrivães e tabeliães laicos medievais. A existência aqui de trovadores dos ciclos afonsino e dionisino³ carece de mais estudos. Registe-se, contudo, a existência de um João livreiro no século XVI⁴.

A alfabetização dos que exerciam cargos públicos no século XVII era muito deficiente, com mais de 70% de iletrados⁵. No século seguinte a alfabetização começa a melhorar, mas muito lentamente: em 1728 assinala-se aqui a presença de João Moura, «mestre de meninos», natural de Vila Real e com problemas junto da Inquisição⁶. No século XIX aparecem os primeiros colégios privados e o ensino público, bem assim como um conjunto de ações beneméritas privadas ou convenionadas (ensino em estabelecimentos dependentes de confissões religiosas) em prol da instrução, mas também algum pioneirismo no setor público, que transformaram Vila Nova de Gaia num caso especial nesta área, em grande parte já estudado ou em vias de o ser, razão pela qual não o vamos aqui referir, pois em alguns dos seus aspetos será mesmo objeto de comunicações deste volume⁷.

Nos anos oitenta do século passado chegam a Vila Nova de Gaia o Conservatório de Música⁸ e os institutos politécnicos (ISLA, Piaget e ISPGaya), mas a sociedade gaiense e as autoridades locais não apoiaram a implantação de uma universidade privada que então aqui se quis instalar. Os quadros universitários aqui nascidos ou criados continuaram, pois, a ter de exercer as suas profissões nas universidades da vizinha cidade do Porto, nas de outras cidades portuguesas ou mesmo no

¹ Sobre as mais antigas inscrições de Gaia, vd. ALARCÃO, 2005; ENCARNAÇÃO, 1996; GUIMARÃES, 1995: 59-61; GUIMARÃES, 2007a, GUIMARÃES, 2010a; RIBEIRO, 1994; SILVA, 1983: 9-26; sobre estas e outras da região do Entre Douro e Vouga vd. SILVA, 1994: 104-123.

² Já em 1971 Robert Durand escreveu: «mieux vaut se résoudre, dans l'état actuel de notre documentation, à ne rien connaître de l'activité du scriptorium de Grijó!» (DURAND, 1971: XLIII).

³ GUIMARÃES, 1990.

⁴ GUIMARÃES, 2001: 139.

⁵ SILVA, 1984: 199-200.

⁶ SANTOS, 1986: 422.

⁷ Colóquio «A História da Educação em Vila Nova de Gaia», organizado pelo CITCEM/FLUP, o qual decorreu a 20.05.2016 no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner.

⁸ GUIMARÃES, 2000, 2011 e 2013.

estrangeiro⁹. Refira-se por fim ser daqui natural e à sua freguesia natal do Olival ter legado a sua biblioteca, Joaquim Ferreira Gomes, professor catedrático da Universidade de Coimbra, considerado o «pai fundador das Ciências da Educação em Portugal», falecido em 2002¹⁰.

2. A ESCOLA PRIMÁRIA DO ESTADO NOVO EM GAIA

Mas não é, pois, da História da Educação em Gaia que vamos aqui falar, mas sim de um seu aspeto muito particular e bem balizado no tempo, a Escola Primária do Estado Novo na obra de dois escritores portugueses ligados a Vila Nova de Gaia: Afonso Ribeiro e J. Rentes de Carvalho.

Quando se dá o golpe militar de 28 de maio de 1926, este município tinha um razoável parque escolar para a época, algum dele não estatal composto por escolas geridas pelas igrejas Católica e Lusitana e outras, a maioria, dependentes do município e dos planos que vinham da Monarquia e foram desenvolvidos ou reequacionados durante a 1.^a República. O mestre-escola ou a mestra, iam, aos poucos, superando a influência social e educacional que dantes cabia quase em exclusivo aos párocos. As matérias religiosas iam aos poucos sendo substituídas pela História pátria, a desobriga pascal pela Festa da Árvore, às vezes caminhando a par, pois entretanto a 1.^a Grande Guerra de 1914-1918, com o seu extenso rol de mortos, estropiados, fomes, epidemias, e privações em geral, vai fazer recrudescer em Portugal o fenómeno religioso popular, com a sua procissão de perseguições, aparições, corpos incorruptos, imagens milagrosas, videntes, mensagens celestiais e outros itens habituais em situação idênticas de colapso social¹¹. Como aconte-

⁹ São em número significativo os académicos gaienses ligados a várias universidades brasileiras e até à do Vaticano. Se Vila Nova de Gaia tivesse tido a universidade que não quis nos anos oitenta do século passado, esta poderia ter tido, pelo menos, um corpo notável de professores eméritos convidados. Recordo apenas como exemplo os casos de Domingos Carvalho da Silva, professor nas universidades de Brasília (GUIMARÃES, 2003); de António Domingues de Sousa Costa, da Universidade do Vaticano (ARAÚJO, 2003); de J. Rentes de Carvalho da Universidade de Amsterdão (GUIMARÃES, 2007b); de David Rodrigues, da Universidade Técnica de Lisboa, José António Martim Moreno Afonso, da Universidade do Minho, e com certeza muitos outros prestigiados professores gaienses com obra reconhecida.

¹⁰ GUIMARÃES, 2012: 9-10. Veja-se o livro *Ensaio em homenagem a Joaquim Ferreira Gomes*, 1998, com o seu *curriculum vitae* e numerosos trabalhos de colegas, discípulos e admiradores.

¹¹ Sobre a 1.^a Grande Guerra e Gaia, vd. COSTA, 2015; GUIMARÃES, 2010b; GUIMARÃES, 2015; GUIMARÃES, 2016. Estão praticamente por estudar os vários fenómenos para-religiosos recentes de credence popular em Vila Nova de Gaia, dos quais o mais conhecido é o da «Santa Maria Adelaide», sobre o qual, para além de obras apologéticas ingénuas ou encomendadas pela Junta de Freguesia local, administradora do jazigo-capela, o único realizado com sentido crítico é o de LIMA, 1988, ainda não publicado.

cera em França durante a Guerra Franco-Prussiana. Como acontecerá durante a Guerra Civil espanhola. Como acontecerá durante a 2.^a Grande Guerra ou mesmo as Guerras Coloniais. Tudo isto se refletirá na Escola, sobretudo na primária, por ser aquela que cuida das mentes em formação.

Em 1926 geria Vila Nova de Gaia uma câmara municipal eleita que funcionou desde 2 de janeiro até 31 de julho desse ano, de que era presidente o médico Dr. Joaquim Francisco Pedrosa, aliás no seu segundo mandato. Segue-se-lhe uma comissão administrativa imposta pela ditadura militar, de que era presidente um coronel tendo como vereadores três capitães e três civis, entre eles um velho autarca monárquico. Estiveram em funções até 12 de abril de 1928, a que se segue outra comissão administrativa dirigida pelo mesmo coronel, mas agora com nove civis, que funcionou até 17 de janeiro de 1929; seguindo-se-lhe outra dirigida por um bacharel em direito acompanhado de cinco militares e três civis, que dura até 30 de junho de 1931; sucedida por outra liderada por um negociante de vinhos até 1932, acompanhado por nove civis, pelo menos dois deles também ligados às exportações de Vinho do Porto, dois dos quais exerceram a presidência após pedido de escusa do primeiro, um dos quais Joaquim Francisco Correia¹², pelo que a comissão se estendeu até 6 de julho de 1933.

No dia 13 seguinte toma posse nova comissão administrativa dirigida pelo negociante de produtos transmontanos e alto-durienses, José da Fonseca Menéres, acompanhado de seis vereadores, um dos quais padre, que se mantêm em funções até 2 de setembro de 1937. Com o regime salazarista já bem consolidado no país e o partido único, a União Nacional, já bem implantada em todas as freguesias e tendo o novo Código Administrativo, elaborado por Marcelo Caetano, sido publicado a 31 de dezembro de 1936¹³, fica à frente da câmara, nomeado pelo governo, o engenheiro eletrotécnico Abel Pego Fiúza, com mais seis vereadores, incluindo o padre anterior, até 14 de novembro de 1945, a que se segue nova câmara presidida pelo Dr. Fernando Jorge Azevedo Moreira, licenciado em Filologia Românica pela 1.^a Faculdade de Letras do Porto¹⁴, acompanhado por dez vereadores, entre eles um outro padre e vários médicos, juristas e engenheiros, num total de oito

¹² Professor primário e monárquico que acabou por aderir ao Estado Novo.

¹³ Sobre o Governo Civil do Distrito do Porto e o novo Código Administrativo, vd. COSTA, 2004: 264-269; sobre Marcelo Caetano (1906-1980) professor de Direito, vogal e mais tarde presidente da União Nacional, comissário nacional da Mocidade Portuguesa, ministro das Colónias e chefe do governo deposto pela revolta militar de 25 de Abril de 1974, vd. CRUZ & ROSA, 1974; OLIVEIRA, 2003: 64 e muitos outros estudos biográficos.

¹⁴ A Faculdade de Letras do Porto foi fundada em 1919, extinta em 1928 e encerrada em 1931. Só seria restaurada parcialmente em 1961, e mesmo assim, demorou uma década a «dar-se por ela»; vd. EIRAS, 1989 e ARAÚJO, 2008.

bacharéis e licenciados, incluindo o presidente, a qual termina o mandato a 31 de dezembro de 1955¹⁵.

Estas são, pois, as administrações que aqui representaram o Estado Novo até ao ano em que se realiza o IV Congresso da União Nacional (1956), quando os pescadores da Afurada entraram em greve conjuntamente com os de outros portos de pesca, Marcelo Caetano fora nomeado ministro da Presidência para coadjuvar Salazar, Agostinho Neto criara o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e Portugal ocupara o seu lugar na Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁶.

Durante estes anos do segundo quartel do século XX, ao nível do Ensino Primário, os diversos executivos concretizaram o projeto da Escola Municipal Pinto Mourão, que de há muito se arrastava, bem assim como o da escola primária de Gulpilhares e o da escola primária de Sá em Arcozelo (fig. 1).

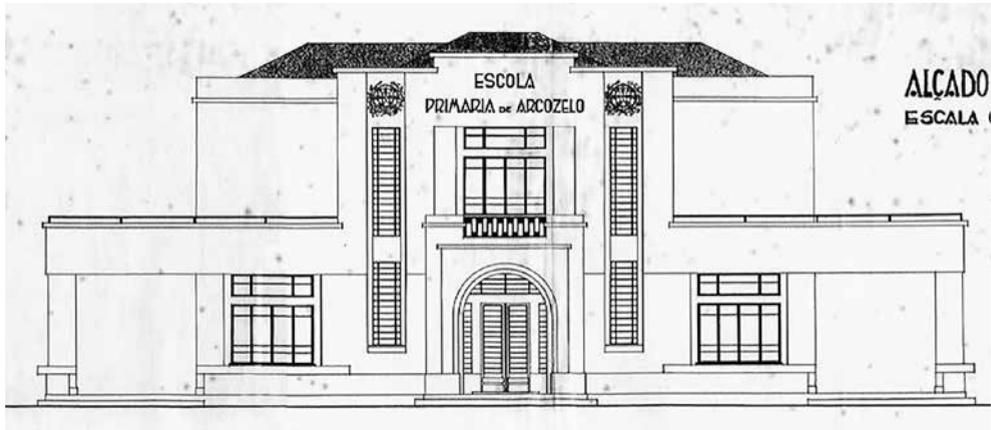


Figura 1. Escola Primária de Sá-Arcozelo; projeto do arquiteto Mário Abreu (1934).

Fonte: TEMUDO, 2013: 97

Esta última, inaugurada a 15 de maio de 1936 pelo Dr. Manuel Cristiano de Sousa, reitor do Liceu Camões em Lisboa e chefe de gabinete do ministro da Instrução Pública, Dr. Carneiro Pacheco¹⁷, sendo presidente da câmara José da

¹⁵ Sobre os sucessivos elencos da Câmara Municipal de Gaia, vd. SANTOS, 1970: 24-30; sobre os seus presidentes, TEMUDO, 2013: 148-174; sobre as vereações da 1.ª República, GUIMARÃES, 2010b.

¹⁶ Sobre Agostinho Neto e a fundação do MPLA, vd. CRISTÓVÃO *et al.*, 2005: 30-31; e sobre a ONU CRISTÓVÃO *et al.*, 2005: 772-773.

¹⁷ António Faria Carneiro Pacheco (1887-1957) foi professor catedrático de Direito em Coimbra e em Lisboa e ministro da Instrução Pública, tendo criado a Junta Nacional de Educação, o Instituto para a Alta Cultura, a Mocidade Portuguesa, entre outros. Foi também embaixador no Vaticano durante a 2.ª Grande Guerra e, logo a seguir, em Madrid. Deixou publicados vários estudos de Direito; cf. OLIVEIRA, 2003: 228.

Fonseca Menéres¹⁸ e vogal do pelouro da instrução o padre Joaquim Moreira de Sousa, serviu para definir aqui as grandes linhas da orientação do Estado Novo para o Ensino Primário ou, como consta no discurso de inauguração, «a política pedagógica do actual momento»¹⁹. No seu discurso, o chefe de gabinete do ministro começa por justificar a sua ausência motivada pelo «estudo urgente de momentosos problemas da sua pasta» que faziam com que «S. Ex.^a não pode sair de Lisboa enquanto não estiverem a funcionar os organismos superiores criados pela Reforma do Ministério da Educação Nacional»²⁰. Depois, curiosamente, os seus louvores à construção da escola são totalmente endereçados à Junta de Freguesia de Arcozelo, que na realidade mandou construir a escola, com total exclusão de referências à Câmara de Gaia, que a viria a mobilar totalmente, ainda por cima estando presente o presidente da edilidade. Mas adiante. Como introdução à estafada «ornitologia metafórica» sobre as criancinhas disse:

Mais uma escola que vai abrir, de par em par, as suas portas, francas e generosas à Infância portuguesa. Lareira em chama, onde as criancinhas desta linda terra virão acender o seu espírito, para que amanhã seja mais cheio de claridade e amor o nosso Portugal. Aves que ainda...²¹.

O edifício, grande e airoso, de linhas direitas, de dois pisos, com colunatas laterais a suportarem terraços abertos sobre a fachada ao nível do segundo piso, da autoria do arquiteto Mário Abreu²² vem na linha da arquitetura social dos anos vinte e nada tem a ver com os acanhados edifícios das escolas do «Plano dos Centenários» que se concretizará a partir dos anos quarenta. Mas vejamos outros parágrafos do discurso reitoral. Em Arcozelo, em 1886 o abade Cândido José Aires de Madureira²³, pároco local, tinha aberto na residência paroquial uma escola diária

¹⁸ José da Fonseca Menéres nasceu no Porto em 1876, filho de Clemente Menéres, da firma de exportação de produtos do Douro, *Sociedade de Vinhos António Ferreira Menéres, Sucrs, Lda*, fundada em 1845, com instalações em Gaia, Porto e Matosinhos. Morou na Quinta da Avenida em Vila Nova de Gaia. Além de presidente da câmara foi vice-presidente da Associação Comercial do Porto, possuindo várias condecorações; cf. GEPB, s/d, XVI: 919; GUIMARÃES & GUIMARÃES, 2001: 40 e 160; TEMUDO, 2013: 164.

¹⁹ SOUSA, 1936: 5. A edição do discurso foi da Câmara Municipal por proposta do «vogal do Pelouro da Instrução» padre Joaquim Moreira de Sousa. Como sublinhamos no texto, o representante do ministro no ato, tendo-se dirigido ao governador civil, à data Fernão Couceiro da Costa (COSTA, 2004: 264-269), não tem qualquer menção (pelo menos no texto impresso) ao presidente da câmara presente à sua esquerda na mesa da presidência, conforme se pode ver na fotografia publicada em SOUSA, 1936: 3.

²⁰ SOUSA, 1936: 5-6.

²¹ SOUSA, 1936: 6-7.

²² COSTA, 2007: 287.

²³ Cândido José Aires de Madureira, fez o curso de Teologia no seminário do Porto em 1857, sendo colocado como abade na freguesia de Arcozelo, Vila Nova de Gaia. Interessou-se pelas questões

e gratuita onde aplicara pela primeira vez no país o seu método para as crianças aprenderem a ler, denominado *Alfabeto Natural*²⁴ vindo depois a conciliá-lo com a *Cartilha Maternal* de João de Deus, publicada em 1876, mas cuja segunda edição é dedicada ao abade de Arcozelo. Não sabemos se o Dr. Sousa o sabia, e calou o facto por achá-lo irrelevante, ou se não o conhecia. Mas ficamos a saber pelo seu discurso o que pensava sobre o estudo e o ensino do passado:

*Só o Estado deve ser o professor no ensino da História. Há no estudo da História duas coisas diferentes a considerar: uma é a crítica; outra a emoção. Só a emoção interessa ao espírito das populações escolares infantil e média, visto que os processos intelectuais não se adaptam às suas idades*²⁵.

Ou seja, os professores que ensinavam as crianças aqui não contam para a função de ensinar e deviam transformar-se em imbecis acríticos. Depois, lá vinham as diferenças entre «o nosso regime político [que não] podia confundir-se com o totalitarismo pagão dominante na Rússia»²⁶. Mas para tal lá estava quem tal fizesse a diferença:

*O Reformador [leia-se Salazar] quebrou assim as cadeias que desde 1820 amarravam o Poder ao mito do livre-pensamento ateu, anti-científico, anti-humano e anti-nacional, integrando-se no século XX da política positivista e desassombrada, que assenta sobre a realidade dos factos e não sobre artificiosos conceitos...*²⁷.

Ou seja, os males da sociedade portuguesa tinham tido origem na «apostasia política» da revolução constitucional, ajudados do exterior pelos adeptos da aplicação «do imperativo categórico de Kant», pela «moral científica de Berthelot» e a experiência como «principal fonte de certeza» de William James, contrariados pelos «imperativos coletivos» de Charles Blondel, os «domínios próprios» da moral e da ciência de Poincaré e a «inspiração cristã» de Taine²⁸ e, obviamente, «as nos-

pedagógicas, sobre as quais publicou diversas obras; cf. GEPB, vol. I: 684-685. Sobre a sua pessoa, até como “flatolómano”, existe um curioso folheto da autoria de Guilherme Augusto Candeias intitulado *O Reverendo Abade da freguesia de Arcozelo e a sua indústria das explosões fortes, pica e repica, sibilos, toca e foge, etc.*, impressa no Porto, em 1883.

²⁴ COSTA, 2007: 243 e 319-320.

²⁵ SOUSA, 1936: 10.

²⁶ SOUSA, 1936: 11.

²⁷ SOUSA, 1936: 12.

²⁸ Sobre estes filósofos e os seus conceitos de Educação e Ensino consulte-se GETTELL, 1936 (publicado em Portugal no mesmo ano da inauguração da escola de Arcozelo), e ABBAGNANO & VISALBERGHI, 1957, para usarmos uma outra obra escrita «perto do tempo» dos conceitos explanados no discurso referido.

sas tradições históricas, sociais e familiares revoltadas em Vitória em 28 de Maio de 1926!»²⁹.

Contra aquelas heresias filosóficas lembrava aos professores, que: «à vossa guarda, o Estado confia a pureza das suas asas, o ritmo dos seus corações, as possibilidades das suas inteligências, e, acima de tudo, a formação do seu carácter»³⁰ e que para tal apresentassem às crianças «a figura máxima da nossa História [que] foi um herói e foi um santo. Herói de cem batalhas com Castela; herói também das cem batalhas interiores...»³¹. Referia-se obviamente a D. Nuno Álvares Pereira, então em processo de canonização³². E «o Cristo nas escolas? Mas sem dúvida»³³, que para tal:

*A Reforma vem, assim, não só preencher as necessidades espirituais da alma portuguesa no campo do Ensino, mas integra-se corajosamente na corrente do alto Pensamento literário, científico e filosófico do nosso tempo. O Estado Novo tem vindo numa obra de génio, restaurando e fortalecendo o Corpo da Nação, com um conjunto de Reformas... A reforma do Ministério da Educação Nacional... vai restaurar e fortalecer o Espírito da Nação, dentro do quadro das nossas realidades históricas*³⁴.

Estávamos então no terceiro governo de Salazar e a 19 de maio, quatro dias depois da inauguração da Escola Primária de Arcozelo, é instituída a Mocidade Portuguesa, precisamente pelo ministro Carneiro Pacheco³⁵. Tendo abusado das citações, concordemos que este discurso é antológico sobre o que queria o Estado Novo para as escolas primárias: inteira submissão ao estado-professor e doutrinador, ausência de criatividade e de espírito crítico dos agentes educativos, modelos

²⁹ SOUSA, 1936: 13.

³⁰ SOUSA, 1936: 7.

³¹ SOUSA, 1936: 12.

³² Como é sabido, entre 1383 e 1385, D. Nuno Álvares Pereira comandou o exército português contra Castela em quatro batalhas vitoriosas (4 e não 100!), em consequência das quais Portugal consolidou a sua independência e o Condestável obteve principescas recompensas que transformaram a Casa de Bragança dos seus descendentes numa das famílias mais ricas e poderosas do país, reinando depois desde 1640 até 1910, além de estarem na origem de muitos ramos das casas reinantes na Europa; cf. MATTOSO, 1985: 101-102. Sua mulher, D. Leonor Alvim foi sepultada no Mosteiro de Corpus Christi em Vila Nova de Gaia; cf. ALLEN, 1961. Sobre aspetos da sua beatificação e canonização vd. FONSECA, 1932 e 1933 e CANONIZZAZIONE, 2009.

³³ SOUSA, 1936: 13.

³⁴ SOUSA, 1936: 15.

³⁵ Sobre a Mocidade Portuguesa vd. ARRIAGA, 1976; faltam-nos estudos locais sobre a implantação dos Adueros de Portugal, Mocidade Portuguesa, Legião Portuguesa, “Cruzados”, “Pioneiros” e outras organizações afins destinadas à infância, juventude, ou mesmo de adultos, quer de origem político-partidárias, quer religiosas. Existe já alguma bibliografia, quase sempre meramente memorialística, sobre os Escuteiros e o Movimento Escotista.

pré-definidos pela tutela dentro da mediocridade generalizada que os tempos posteriores se encarregarão de mostrar.

Mas a realidade do ensino primário em Vila Nova de Gaia era bem outra, quer para os professores, quer para os alunos das escolas, com as consequências que se conhecem. Se outros testemunhos não existissem tínhamos, pelo menos, as cenas do filme *Aniki Bóbó*, de Manuel de Oliveira, rodado em 1942, onde esta realidade é retratada de forma notável numa velha escola, com um velho professor, ainda com um assomo de humanismo republicano, mas já quase só interessado na disciplina, enquanto espera pela aposentação que tardava³⁶.

Vejamos, pois, agora os dois testemunhos literários que queremos indagar.

3. AFONSO RIBEIRO: PROFESSOR DO ENSINO PRIMÁRIO E ESCRITOR

Nascido em 1911 na Vila da Rua em Moimenta da Beira, Afonso Adelino Ribeiro de Azevedo, frequentou o Seminário e a Escola do Magistério Primário. Em 1937 era colaborador do jornal *Sol Nascente* do Porto, onde estreava uma nova visão literária sobre a vida das classes mais excluídas, e que, em 1938, lhe publica o livro de cinco novelas e dois contos *Ilusão na Morte*, sendo por isso considerado um dos «precursores da corrente» do neorealismo português³⁷, tendo em conta que naquele mesmo ano Alves Redol publica *Glória* e depois *Gaibéus* (1939), enquanto que *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, só aparecerá em 1941³⁸.

Em 1939, com a vitória de Franco em Espanha, obtida com o apoio dos alemães nazis e dos italianos fascistas, e o Pacto Ibérico, e com a Alemanha a expandir-se para leste o que levará à eclosão da 2.^a Guerra Mundial a 1 de setembro, Afonso Ribeiro vai ao Brasil, mas não tendo conseguido o visto de permanência, volta nesse mesmo ano, pois os tempos por ali também estavam conturbados devido às tentativas ditatoriais de Getúlio Vargas para a criação de um Estado Novo brasileiro.

Regressado a Portugal e ao ensino, fixa-se em Vila Nova de Gaia³⁹, onde virá a residir em Vilar do Paraíso, na Chamorra (Gulpilhares) e em Canidelo, tendo

³⁶ Sobre o filme *Aniki Bóbó* vd. CASTRO, 1998: 29-30, que sobre ele transcreve um texto de COSTA, 1991.

³⁷ SARAIVA & LOPES, [1974]:1109, 1114-1115; ENTRE A REALIDADE..., 1996: 28.

³⁸ Sobre este primeiro livro de Afonso Ribeiro, também a primeira edição de um livro pelo quinzenário *Sol Nascente*, no n.º 31 de 15.08.1938, na primeira página, João Pedro de Andrade publica uma primeira crítica onde diz: «Afonso Ribeiro coloca-se de golpe, com este seu livro, na reduzida fileira dos nossos prosadores»; cf. ANDRADE, 1938.

³⁹ De novo ou retomando residência ou colocação anterior? Na realidade não sabemos onde residia antes de ir para o Brasil, se em Gaia, se no Porto.

lecionado pelo menos na escola primária mista daquela primeira freguesia, bem assim como sua mulher Otília das Dores Frias Leitão, também ela professora da instrução primária, que, entretanto, optaria por ser funcionária dos Correios (fig. 2).

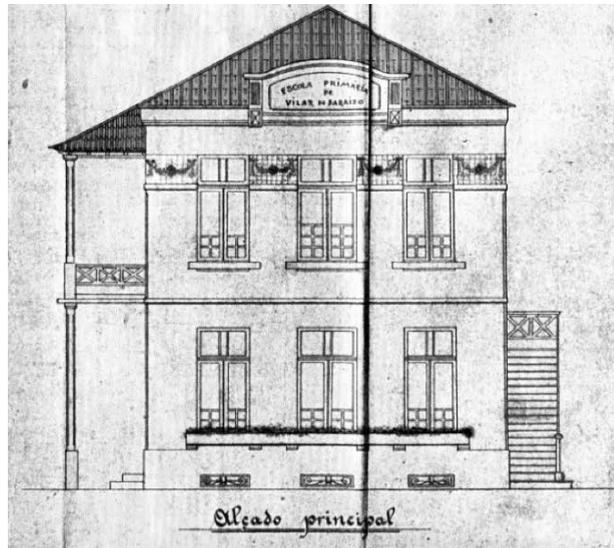


Figura 2.
Escola Primária de Vilar do Paraíso,
projeto de ampliação (1933).
Fonte: TEMUDO, 2013: 97

É provável que date desta época a sua adesão ao Partido Comunista Português. Em 1945 é um dos fundadores do Movimento de Unidade Democrática (MUD) e, em março de 1946, é um dos signatários de uma exposição sobre a «difícil situação económica do professorado português», subscrita também por docentes dos ensinos particular, técnico, liceal e superior. Citando mesmo um estudo do ex-professor de Coimbra Manuel Gonçalves Cerejeira, entretanto feito cardeal patriarca de Lisboa, em que este afirmara que: «...para ter bom ensino era preciso pagar bem aos professores», referindo-se só aos universitários, a qual foi enviada ao então ministro da Educação Nacional, Dr. José Caeiro da Mata⁴⁰, que os denuncia à Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) para averiguações. É possível que então pensasse dinamizar a criação de um Sindicato da Educação Nacional, de que seria o sócio n.º 1⁴¹.

⁴⁰ José Caeiro da Mata formou-se em Direito na Universidade de Coimbra e aí ficou a ensinar até passar para a de Lisboa, da qual foi reitor. Foi deputado, ministro dos Estrangeiros e da Educação Nacional, administrador do Banco de Portugal e ministro junto do governo colaboracionista de Vichy (1941-1944). Deixou publicados vários tratados sobre Direito; cf. OLIVEIRA, 2003: 197.

⁴¹ É o que nos faz crer a existência no seu processo da PIDE de uma ficha não datada com os seus dados pessoais encimada pela anotação: «Sócio n.º 1 S.E.N.» (Sindicato Nacional da Educação[?]; ANTT- Processo da PIDE n.º 294 – E/GT, doc. 4). Note-se que os sindicatos dos funcionários públicos e, entre eles os professores, estavam proibidos de se associarem desde o decreto n.º 23 048, art.º 39.º de 23.09.1933; cf.

Em novembro desse mesmo ano é um dos muitos signatários de outra exposição, desta feita enviada ao presidente da República, general Carmona, intitulada «Os intelectuais portugueses protestam» contra as condições de repressão e censura de que eram alvo, onde encontramos muitos escritores, jornalistas, artistas, arquitetos e outros criadores culturais a pedirem liberdade de expressão e de associação, entre outros: António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Eugénio de Andrade, Fernando Azevedo e Fernando Lopes Graça⁴². Em março do ano seguinte assina ainda outra petição contra a existência da Colónia Penal de Cabo Verde, até aí conhecida como campo de concentração do Tarrafal⁴³. No ano seguinte, residindo em Canidelo, parte com a sua mulher para Moçambique, onde teve várias profissões e continuou a sua atividade de escritor, só regressando de novo a Portugal em 1976, vindo a falecer em Cascais em 1993. Em 2011, no centenário do seu nascimento, a Câmara Municipal de Moimenta da Beira prestou-lhe uma homenagem mandando colocar uma lápide na casa onde nasceu na Vila da Rua e criando na Biblioteca Pública local o Espaço Afonso Ribeiro⁴⁴.

Enquanto residiu em Vila Nova de Gaia, para além de artigos e crónicas dispersas por várias publicações, escreveu as seguintes obras: *Plano Inclinado* (romance, 1941), *Aldeia* (romance, 1943, com capa do pintor gaiense António Sampaio), *Trampolim* (romance, 1944), e *Povo* (contos, 1947, com capa de Júlio Pomar – fig. 3), cuja venda ao público foi julgada «inconveniente»



Figura 3. Capa de *Povo. Contos de Afonso Ribeiro*.

Fonte: RIBEIRO, 1947

BENTO, 1978: 145. Da exposição dos professores encontra-se uma cópia em ANTT – Processo da PIDE n.º 635/45 – S. R. docs. 75 a 88, e idem n.º 294 – E/GT, doc. 6-7. Sobre a PIDE/DGS vai havendo vária bibliografia e depoimentos; comece-se, por exemplo, por MANUEL; CARAPINHA & NEVES, 1974.

⁴² Da exposição dos intelectuais portugueses existe uma cópia em ANTT – Processo da PIDE n.º 635/45 – S. R. docs. 73-74.

⁴³ Sobre a exposição a protestar contra a existência da «Colónia Penal de Cabo Verde» existe cópia em ANTT – Processo da PIDE n.º 294 – E/GT, docs. 8-10. Sobre este campo de concentração veja-se, por exemplo SOUSA, 1978.

⁴⁴ Por gentileza do Dr. Ricardo Castro, da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, tivemos acesso aos seguintes textos biográficos à disposição dos interessados no Espaço Afonso Ribeiro da Biblioteca Municipal daquela localidade: GOUVEIA, 2011: 308-310 e VAZ, 2011. Igualmente lhe agradeço o contacto com a filha do escritor, D. Lígia Ribeiro Serrano, com quem troquei impressões sobre a vivência do pai em Vila Nova de Gaia, especialmente quando residia na Chamorra.

e depois proibida pela Censura, o que virá a acontecer a muitos dos seus livros. Ainda em 1946, tinha aqui iniciado a publicação de uma trilogia intitulada *Escada de Serviço*, com o romance *Maria*, vindo o segundo romance, *O Pão da Vida*, a ser publicado somente em 1956 em Lourenço Marques, e logo também proibido pela Censura e apreendido pelas autoridades⁴⁵, e finalmente, em 1959, *O Caminho da Agonia*, também publicado em Moçambique.

É assim a década de quarenta o período mais fecundo deste escritor, hoje pouco recordado, até porque os seus romances em todas as páginas lembram misérias e condições sub-humanas que ainda existem entre nós e não são bonitas de ver, de ler ou de se saber sequer que existem. Mas ele é, inequivocamente, um dos pioneiros do romance social em Portugal. Os cenários e personagens das suas obras, embora não balizados geograficamente, podendo ser colocados em qualquer grande cidade e nos seus arrabaldes, foram obviamente colhidos na sua vivência em Vila Nova de Gaia e no Porto como, apesar de todo o cuidado posto pelo escritor na sua diluição casuística tendo em vista a sua generalização literária, que nada tinha a ver com regionalismos, o denunciam certos pormenores facilmente reconhecíveis por quem conhece a realidade local para aquela época. A exceção é o romance *Aldeia*, que com os mesmos cuidados de universalização se reporta à sua terra natal na Beira Alta⁴⁶.

Não encontramos nas suas obras qualquer conto ou capítulo específico sobre a escola primária, mas ela está sempre presente como entidade madrasta ou quase inútil obrigação onde a agressão era uma constante no início do trajeto de vida das crianças: «A régua estalou nas mãos submissas. Ódio fervendo em dois corações. Passos ao longo da coxia. Lágrimas pingando no soalho»⁴⁷; as quais, as mais das vezes, não tinham sequer o necessário para exercitarem a aprendizagem, perante a indiferença dos mestres: «Não tenho caderno... A minha mãe não tinha dinheiro... Não quero cá saber disso!...»⁴⁸, ou a escola como falsa esperança da melhoria das condições de vida, perante a fatalidade de terem de a abandonar para ir trabalhar muito cedo na construção civil: «...o senhor professor fazendo perguntas, expli-

⁴⁵ Existem diversos relatórios sobre obras censuradas de Afonso Ribeiro, publicadas em <<http://ephemerajpp.files.wordpress.com>>. Em ANTT – Processo da PIDE n.º 635/45 – S. R., docs. 8-17, existe o processo de proibição e apreensão do seu livro *O Pão da Vida*. Sobre a Censura em Portugal, nomeadamente durante o Estado Novo, vd. RODRIGUES, 1980 e AZEVEDO, 1997.

⁴⁶ Os primeiros romances de Afonso Ribeiro foram publicados pela Livraria Progredior, depois Edições Progredior, com livraria no Porto, mas cujos donos viviam em Gaia, de onde aliás conhecemos pelo menos uma edição de 1945 (*Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, do Padre Agostinho Rebelo da Costa, 2ª edição por Magalhães Basto). Os seguintes foram-no pela Editorial Ibérica também do Porto. Os de Moçambique pelas Edições Artes Gráficas e Lito-Artes, Lda. de Lourenço Marques, havendo ainda reedições por outras editoras.

⁴⁷ *Plano Inclinado*, 1941: 8-9.

⁴⁸ RIBEIRO, 1946: 86.

cando as orações; e o recreio e o jogo da bola, e as risadas dos companheiros e as lutas que por vezes armavam. Cristo, ah! Cristo, e tudo isso findara, oh! Jesus, e o seu exame da quarta?»⁴⁹.

Foi esta a escola primária do Estado Novo que Afonso Ribeiro encontrou, como professor, em Vilar do Paraíso nos anos de 1940.

4. J. RENTES DE CARVALHO: PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E ESCRITOR

Nascido no Monte dos Judeus⁵⁰, na freguesia de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia, a 15 de maio de 1930, José Rentes de Carvalho, filho e neto de transmigrantes, frequentou as escolas pré-primária e primária na Rua Cândido dos Reis, perto do local onde nasceu. Para o ensino secundário passou ao Liceu Alexandre Herculano no Porto até aos quinze anos, quando, devido a transferência do pai que era guarda-fiscal, teve de mudar-se para Viana do Castelo, onde continuou os estudos no liceu local. Em 1947 está em Lisboa, onde em 1949 faz a tropa, chegando a matricular-se na Universidade e procurando então enveredar pelo jornalismo. Em 1951 está em Paris onde convive com intelectuais e artistas, vai a Nova Iorque e tenta o Brasil onde escreve em grandes jornais. Em 1955 está em Amsterdão, sobrevivendo com as mais diversas profissões, mas onde em 1960 inicia a sua carreira de professor de Literatura Portuguesa na respetiva universidade, da qual se virá aposentar ao fim de trinta anos de serviço⁵¹.

Em 1968 publica em Portugal *Montedor*, que mereceu de António José Saraiva, seu antigo professor no Liceu de Viana, no prefácio que então lhe escreveu, o seguinte comentário: «uma nota nova entrou na partitura literária nacional»⁵².

⁴⁹ RIBEIRO, 1947: 176-177.

⁵⁰ O Monte dos Judeus é um curioso bairro no Centro Histórico de Gaia, entre a antiga calçada das Freiras (hoje rua Serpa Pinto), a rua da Carvalhosa e a das Azenhas, onde se localizou a judiaria gaiense e, em tempos mais recentes, algumas empresas de vinhos nos seus armazéns cavados monte adentro, hoje praticamente abandonados. Na parte cimeira ainda existe a casa onde nasceu e viveu o escritor J. Rentes de Carvalho. Nos anos trinta do século passado a autarquia tentou mudar-lhe o nome para Monte Coimbra, designação de um dos seus arruamentos, mas tal não colheu junto da população local.

⁵¹ Os dados biográficos do escritor foram colhidos na documentação do seu espólio doado à associação Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana por protocolo assinado em Esteveais de Mogadouro, em 19.06.2011, e publicado na *Revista de Portugal*, n.º 8, 2011, p. 66, depositado e acessível no Solar Condes de Resende; cf. GUIMARÃES, 2007b: 28-31.

⁵² SARAIVA, 1968: 11. Tendo J. Rentes de Carvalho indicado à Universidade de Amsterdão que convidasse António José Saraiva para o departamento onde ensinava, este, depois de instalado, tratou de lhe infernizar a vida com um incompreensível odioso de estimação, chegando à calúnia, sem que o primeiro jamais tenha percebido porquê, tendo mesmo de defender o seu bom nome em tribunal, que acabou por condenar

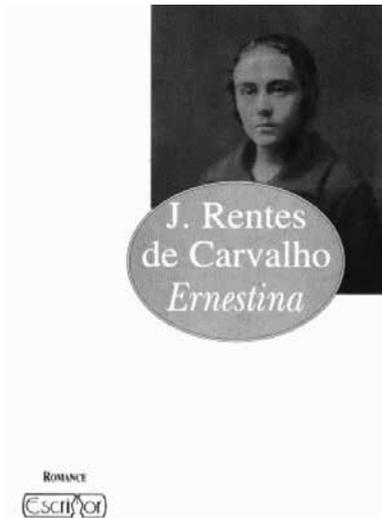


Figura 4. Capa de *Ernestina*, 1.ª edição portuguesa.

Fonte: CARVALHO, 2000

A este seu primeiro romance segue-se *O Rebate* em 1970, uma prosa cinematográfica sobre ambiências rurais portuguesas, vindo a publicar entretanto outros romances, roteiros culturais e textos publicados em livros, jornais e revistas holandesas e portuguesas. Em 1998 sai a primeira edição holandesa de *Ernestina*, narrativa autobiográfica sobre os seus primeiros quinze anos de vida passados entre Vila Nova de Gaia, o Porto e Estevais de Mogadouro, ainda hoje regularmente regressando de três em três meses a esta localidade, alternando com a sua vivência em Amsterdão. A obra tem sido saudada pela crítica internacional, tendo já várias edições em holandês, português e italiano. É também a mais bela e incidente descrição existente sobre o Centro Histórico de Gaia entre 1930 e 1945 (fig. 4).

Voltando um pouco atrás, a 1935-1936, vejamos o testemunho literário de J. Rentes de Carvalho que desde cedo mostrou uma enorme vontade de conhecer o mundo através dos jornais e dos livros. Quando foi para a escola já sabia ler. Depois das aulas devorava uma bem fornecida biblioteca que existia no quartel da guarda onde seu pai fazia serviço, localizado na mesma rua onde se situavam as escolas que frequentou: a pré-primária numa casa particular, e a primária nas «Escolas Parochiaes» nas Palhacinhas, o antigo nome do lugar. Recebeu os prémios “Visconde das Devezas” da Câmara de Gaia pela sua conclusão «com distinção» da 3.ª classe (1939) e “Caetano Pinho da Silva” pela 4.ª classe (1940)⁵³. Na referida obra descreve com humor, ainda que mordaz, a sua passagem pelo ensino pré-primário e primário dos inícios do Estado Novo então existente em Vila Nova de Gaia.

Aos cinco anos compraram-lhe:

aquele outro. Talvez por esta razão o autor de *Montedor* não conste em SARAIVA & LOPES, apesar de, segundo o prefácio do primeiro naquela obra, ele ter criado um novo símbolo picaresco na Literatura nacional. Sobre esta questão vd. CARVALHO, 2009b: 72-75, artigo que o autor só publicou após muita insistência com o nosso argumento de que convém conhecer melhor aqueles que a sociedade santifica como “excepcionais”.

⁵³ Documentos do espólio de J. Rentes de Carvalho referido na nota 51. Os patronos dos prémios são duas personalidades gaienses do século XIX, o primeiro um político e presidente da câmara municipal e o segundo um industrial de carpintaria e negociante de vinhos.

*uma sacola, um livro, uma lousa, e todas as manhãs me vi tirado do conforto da cama para, pela mão de meu pai, ser levado para a escola [...] particular, porque nesse tempo para os pequenitos não havia outra, com uma mestra solteirona azeda, sobre o gordo; e porque à falta de bancos nos sentávamos no soalho, ela ao passar, manquejando apoiada a uma bengala, dava a impressão de uma torre ambulante que a qualquer momento nos podia cair em cima*⁵⁴.

O ensino consistia em:

*Começávamos a manhã com o padre-nosso, a avé-maria, o hino nacional, e em voz alta dando graças a Deus por nos ter feito nascer portugueses. Seguia-se então para os outros a tortura do abecedário, das contas de somar, e para mim o indescritível aborrecimento de fingir que aprendia o que o meu avô dois anos antes me tinha ensinado. Mas a mestra não queria diferenças. Se eu já sabia ler e escrever tanto pior para mim, aprendia tudo de novo, porque para isso é que estava ali. Vá de soletrar como se visse as letras pela primeira vez e depois, como ela exigia, desenhá-las redondas entre duas linhas. Entretanto, e mais do que aos outros, porque eu bocejava ou distraído me punha a olhar para o quintal das traseiras, a cana-da-índia apanhava-me pelas orelhas, pela cabeça, pelos dedos, fazendo-me chorar. Às quatro horas rezávamos novo padre-nosso, outra ave-maria, cantávamos mais uma vez o hino. Abria-se então a porta e saltávamos para a rua aos gritos de alegria, esquecidos de que a tortura recomençaria no dia seguinte*⁵⁵.

Aos seis anos, na ida para a escola primária:

comigo pela mão, meu pai entrara na secretaria a perguntar para que classe eu ia... A sala pareceu-me enorme, com as carteiras já todas ocupadas por garotos de ar amedrontado. A professora, mulher idosa, miudinha, vestida de luto, falava batendo no chão com a cana-da-índia e virou-se no momento em que íamos a entrar.

Mas nem todas as professoras tinham este aspeto:

*D. Carolina... toda sorridente, gordinha, fresca de pele... secou-me os olhos num lenço que cheirava bem, deu-me um beijo, mandou que me despedisse [de meu pai], agarrou-me ternamente pelo pescoço e assim caminhamos para a sua sala... Ali nada de medos... Nessa manhã nasceu a segunda paixão da minha vida...*⁵⁶

⁵⁴ CARVALHO, 2001: 128.

⁵⁵ CARVALHO, 2001: 128.

⁵⁶ CARVALHO, 2001: 145.



Figura 5.
Escola das Palhacinhas, Santa
Marinha.
Fonte: fotografia do autor

Mas lá vinha o inverno que acentuava as condições precárias do edifício, a principal escola primária oficial da sede do município (fig. 5)⁵⁷:

A ida para a escola era um martírio. Chegávamos a pingar e corríamos para os fogareiros que havia em cada sala, mas eles nem sequer davam para aquecer as mãos. O prédio fedia a petróleo queimado, roupa suja, ao mijo dos urinóis, e porque o recreio se tornara um charco fazíamos ginástica no corredor. Às quatro horas não saíamos como de costume a correr e aos gritos, mas voltávamos para casa desalentados, com o sentimento de que sobre nós pesava uma fatalidade⁵⁸.

⁵⁷ Tendo comunicado a J. Rentes de Carvalho a intenção de abordar este assunto no colóquio referido na nota 7, dele recebi o seguinte e-mail: «Meu caro Joaquim. Quando amanhã der início à sua conferência, repare que a meio da sala, do lado das janelas, se levantam duas muito ténues nuvenszinhas, um pouco à maneira das fumaças de cigarro. São dois espíritos: o da minha carinhosa professora na escola das Palhacinhas, a quem devo mais do que saberia dizer; e o meu próprio, regalado com o carinho. Vai um grande abraço, na esperança de que possa repeti-lo antes que a canícula de Julho nos mande de volta às terras baixas e frescas. José». Bem me pareceu que ali estavam ambos, pelo menos na memória dos afetos.

⁵⁸ CARVALHO, 2001: 157.

5. A LITERATURA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO?

Era esta a escola primária do Estado Novo em Vila Nova de Gaia descrita pelos dois escritores que viveram em diferente situação a mesma realidade. Não se tratando hoje de testemunhos documentais, mas literários, ainda que, sobretudo no segundo caso, muito autobiográficos, podemos questionar-nos aqui sobre a validade da Literatura como fonte histórica. Em ambos os casos apresentados o discurso literário acrescentou narrativa humana ao tema que, se é certo que pode ser estudado apenas a partir da secura das fontes documentais, relatórios e estatísticas, estes estarão impossibilitadas de descrever uma realidade tão rica de significantes como os textos apresentados, os quais, nestes dois casos, são autenticados pela honorabilidade intelectual de ambos os escritores e pela sua própria vivência. Mas nem sempre é assim. Muitos escritores, em busca de efeito estético ou das conveniências de loja ou de modas, distorcem a realidade sobre que escrevem, ou dela escolhem apenas os bocados decorativos ou mesmo irrelevantes, o que afinal terá a ver com a sua formação e com a sua postura perante a vida e não tanto por “movimento literário”.



Figura 6.

Painel de azulejos junto da Capela de S. Bartolomeu, Pedroso, cerca de 1950⁵⁹.

Fonte: fotografia cedida por Maria de Fátima Teixeira

⁵⁹ «Recoecinhmento [Reconhecimento] do po/vo aos seus primeiros educadores». Repare-se na palmatória dita de Santa Luzia e na mão infantil pronta para o castigo. Os segundos e terceiros azulejos da frase em epígrafe estão trocados porque quem os colocou não os soube ler.

Estamos aqui perante um dos poucos casos em que a História pode ir de braço dado com a Literatura, em que a crítica científica e a emoção artística não se encobrem ou atrapalham, antes se complementam com proveito, aprimorando os contornos de uma fotografia que mesmo antes de ser tirada já tinha sido propositalmente manipulada pelas entidades oficiais de então. Mas neste caso o “retrato” coincide em veracidade com as abordagens artísticas das obras dos dois escritores e do filme de Manoel de Oliveira. Era esta a escola primária em Vila Nova de Gaia no tempo do Estado Novo: deixou marcas, atrasos e traumas que ainda hoje são evidentes na sociedade gaiense e nas suas instituições (fig. 6).

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Documentais

Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Arquivo da PIDE/DGS – *Processo n.º 635/45 – S. R.. Referente a Afonso Adelino Ribeiro de Azevedo ou Afonso Ribeiro – Professor do ensino primário – escritor (1945-1969).*

Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Arquivo da PIDE/DGS – *Processo n.º 294 – E/GT. Referente a Afonso Adelino Ribeiro de Azevedo (1947-1966).*

Solar Condes de Resende-Vila Nova de Gaia – *Espólio J. Rentes de Carvalho.*

Fontes eletrónicas

<<http://ephemerajpp.files.wordpress.com>> (Consultado em 2016.04.13).

<www.conservatoriodegaia.pt> (Consultado em 2011).

Bibliografia

AA.VV. (1935-1987) – *Grande Enciclopédia Luso Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.

— (2001) – *Fundação Conservatório Regional de Gaia – 15 anos de Actividade. 1985-2000*. Vila Nova de Gaia: FCRG.

— (2001) – *Jornadas de História Local de Santa Marinha (1.ªs)*. Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Santa Marinha.

ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. (1957) – *História da Pedagogia*, vol. I e II. Lisboa: Editorial Gleba/Livros Horizonte.

ALARCÃO, Jorge de (2005) – *Destacamento(s) da Legião X Gémina no Baixo Douro no tempo de Cláudio? «Al-madan», II série, 13, p. 78-81.*

- ALLEN, Alfredo Ayres de Gouvêa (1961) – *D. Nuno Álvares Pereira. Alguns aspectos da sua vida, e as suas passagens pelo Porto*. Porto: Livraria Fernando Machado.
- ANDRADE, João Pedro de (1938) – *Sobre o livro “Ilusão na Morte”, de Afonso Ribeiro*. «Sol Nascente», n.º 31, p. 1.
- ARAÚJO, António de Sousa (2003) – *António Domingues de Sousa Costa (1926 – 2002): elementos para a sua biobibliografia*. «Lusitania Sacra», 2.ª série, 15, p. 331-358.
- ARAÚJO, Francisco Miguel (2008) – *Faculdade(s) de Letras do Porto: da (re)criação à revolução*. Porto: Faculdade de Letras da U.Porto. Tese de mestrado.
- ARRIAGA, Lopes (1976) – *Mocidade Portuguesa. Breve história de uma organização salazarista*. Lisboa: Edições Terra Livre.
- AZEVEDO, Cândido de (1997) – *Mutiladas e Proibidas. Para a história da censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- BENTO, Gomes (1978) – *O Movimento Sindical dos Professores (Finais da Monarquia e I República)*, 2.ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- CÂMARA Municipal de Matosinhos, ed. (1996) – *Entre a realidade e a utopia. O Neo-Realismo Literário Português. Catálogo e Roteiro da Exposição*. Matosinhos: Câmara Municipal.
- CANONIZZAZIONE (2009) – *Cappella Papale presieduta dal Santo Padre Benedetto XVI perl a canonizzazione dei Beati Nuno de Santa Maria Alvares Pereira religioso dell’ Ordine dei Carmelitani*. Vaticano: Tipografia Vaticana.
- CARVALHO, J. Rentes de (1968) – *Montedor*. Lisboa: Prelo Editora.
- (1970) – *O Rebate*. Lisboa: Prelo Editora.
- (1998) – *Ernestina*. Amsterdão: Atlas.
- (2000) – *Ernestina*. Lisboa: Escritor, 2.ª edição.
- (2001) – *Ernestina*. Lisboa: Escritor, 3.ª edição.
- (2009a) – *Ernestina*. Lisboa: Quetzal.
- (2009b) – [Recensão a] *António José Saraiva e Óscar Lopes – Correspondência. Selecção, edição, prefácio e notas*. [...]. «Revista de Portugal», n.º 6, p. 72-75.
- CASTRO, Maria João (1998) – *Manoel de Oliveira – a Paixão do Cinema*. Porto: ICEPE.
- COSTA, Francisco Barbosa da (2004) – *História do Governo Civil do Distrito do Porto*. Porto: Governo Civil.
- (2007) – *S. Miguel de Arcozelo. Notas Monográficas*. Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo.
- (2015) – *Militares gaienses na primeira guerra mundial*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 80, p. 27-54.
- , coord. (1985-2000) – *História de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal/GHA (incompleta).
- COSTA, João Bénard da (1991) – *Histórias do Cinema*. Lisboa: INCM.
- CRISTÓVÃO, Fernando; AMORIM, Maria Adelina; MARQUES, Maria Lúcia Garcia; MOITA, Susana Brites, coord. (2005) – *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Editora.
- CRUZ, Antonino; ROSA, Vitoriano (1974) – *As mentiras de Marcello Caetano (Resposta a um falso depoimento)*. Lisboa: Agência Portuguesa de Revistas.

- DURAND, Robert, introduction et notes (1971) – *Le Cartulaire Baio-Ferrado du Monastère de Grijó (XI^e-XII^e siècles)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- EIRAS, Adriano (1989) – *Faculdade de Letras do Porto: 1919-1931. Contribuição bibliográfica para a sua história*. Porto: BPMP.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1996) – *Gonçalves Guimarães. Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Gaia*. «Conimbriga», 35, p. 223-225.
- FONSECA, Thomaz da (1932) – *O Santo Condestável. Alegações do Cardeal Diabo*. Coimbra: Académica Editora.
- (1933) – *A Igreja e o Condestável*. Coimbra: Instituto de Estudos Livres.
- GETTELL, Raymond G. (1936) – *História das Ideias Políticas*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- GOUVEIA, Jaime Ricardo (2011) – *Marte e Minerva nas Terras do Demo. Do liberalismo contrito ao republicanismo convicto*. S/l: Edições Esgotadas.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1990) – *Trovadores Medievais de Gaia*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 29, p. 43-50.
- (1995) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média – Arqueologia de uma Área Ribeirinha*. Porto: Universidade Portucalense.
- (2000) – *Os destinos da Casa e Quinta do Maravedi*. «Fundação Conservatório Regional de Gaia – 15 anos de Actividade», p. 73-76.
- (2001) – *A população de Santa Marinha na primeirametade do século XVI*. «1.^{as} Jornadas de História Local de Santa Marinha», p. 125-152.
- (2003) – *In Memoriam – Domingos Carvalho da Silva. Era de Pedroso, enriqueceu de nostalgia e morreu brasileiro*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 57, p. 33-34.
- (2007a) – *Esses distantes anos 7 e 9 da nossa era. A propósito dos 2000 anos das Tesseræ Hospitalares do Monte Murado*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 65, p. 23-29.
- (2007b) – *Roteiro sentimental gaiense no romance Ernestina de J. Rentes de Carvalho*. «Casa da Cultura», 4, p. 28-31.
- (2010a) – *Os romanos em Gaia*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 70, p. 5-20.
- (2010b) – *Republicanos, Monárquicos e outros. As vereações gaienses durante a 1.^a República (1910 – 1926)*. Vila Nova de Gaia: ASCR – Confraria Queirosiana.
- (2012) – *Nos dez anos da Confraria Queirosiana...homenagem aos confrades que partiram*. «Revista de Portugal», 9, p. 6-19.
- (2015) – *Vila Nova de Gaia e a 1.^a Grande Guerra*. In PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge Fernandes; ALVES, Luís Alberto; MEIRELES, Maria Conceição – *A Grande Guerra (1914 – 1918): Problemáticas e Representações*. Porto: CITCEM, 2015, p. 233-242.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana (2001) – *Prontuário Histórico do Vinho do Porto*. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia.
- GUIMARÃES, Susana Cristina Gomes Gonçalves (2016) – *Francisco da Silva, enfermeiro hípico na I^a Guerra Mundial*. «Revista de Portugal», 13.
- LIMA, António Manuel de Carvalho (1988) – *Santa Maria Adelaide (Arcozelo, Vila Nova de Gaia)*. Trabalho fotocopiado apresentado à FLUP.

- MANUEL, Alexandre; CARAPINHA, Rogério; NEVES, Dias (1974) – *PIDE. A História da Repressão*. Fundão: Jornal do Fundão, Editora.
- MATTOSO, José (1985) – PEREIRA, Nuno Álvares. In PEREIRA, José Costa, coord. – *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*. Lisboa: Alfa, p. 101-102.
- , dir. (1994) – *História de Portugal: vol. VIII*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- OLIVEIRA, Leonel de, coord. (2003) – *Portugal século XX. Portugueses célebres*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge Fernandes; ALVES, Luís Alberto; MEIRELES, Maria Conceição, coord. (2015) – *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e Representações*. Porto: CITCEM.
- PEREIRA, José da Costa, coord. (1985) – *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, vol. I e II. Lisboa: Publicações Alfa.
- RIBEIRO, Afonso (1938) – *Ilusão na Morte*. Porto: Sol Nascente.
- (1941) – *Plano Inclinado*. Porto: Livraria Progredior.
- (1943) – *Aldeia*. Porto: Livraria Progredior.
- (1944) – *Trampolim*. Porto: Livraria Progredior.
- (1946) – *Escada do Serviço – Maria*. Porto: Editorial Ibérica.
- (1947) – *Povo. Contos de Afonso Ribeiro*. Porto: Editorial Ibérica;
- (1956) – *Escada de Serviço – O Pão da Vida*. Lourenço Marques: [s/n].
- (1959) – *Escada de Serviço – O Caminho da Agonia*. Lourenço Marques: [s/n].
- RIBEIRO, José Cardim (1994) – *Felicitas Ivliá Olisipo. Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea*. «Al-madan», 3, p. 75-95.
- RODRIGUES, Graça Almeida (1980) – *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/MEC.
- SANTOS, Cândido Augusto Dias dos (1986) – *Gaia do século XVI ao século XVIII: História Económica e Social*. In AA.VV. (1985-200) – *História de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal/GHA, p. 321-438.
- SANTOS, José Dinis dos (1970) – *Resenha histórica de Cale, Vila de Portugal e Castelo de Gaia*. «Comunidades Portuguesas», 21.
- SARAIVA, António José (1968) – *Nota prefacial*. In CARVALHO, J. Rentes de (1968) – *Montedor*. Lisboa: Prelo Editora, p. 7-13.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar [1974] – *História da Literatura Portuguesa*, 7.ª edição. Porto: Porto Editora, Lda/ Lisboa: Empresa Literária Fluminense, Lda
- SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto: Faculdade de Letras da U.Porto. Tese de Mestrado.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1983) – *As Tesserae Hospitalares do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, V. N. de Gaia). Contributo para o estudo das instituições e povoamento da Hispânia Antiga*. «Gaya», I, p. 9-26.
- SILVA, Francisco Ribeiro da (1984) – *O Concelho de Gaia na 1.ª metade do século XVII: instituições e níveis de alfabetização dos funcionários*. «Gaya», II, p. 187-212.
- SOUSA, Franco de, coord. (1978) – *Tarrafal – Testemunhos*. Lisboa: Editorial Caminho.

- SOUSA, Manuel Cristiano de (1936) – *Discurso proferido na sessão inaugural da Escola Primária de Arcozelo pelo Dr. Manuel Cristiano de Sousa*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal.
- TEMUDO, Alda Padrão, coord. [2013] – *Memórias do Município de Vila Nova de Gaia da fundação à actualidade*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal/AMSMB.
- UNIVERSIDADE de Coimbra, ed. (1998) – *Ensaio em homenagem a Joaquim Ferreira Gomes*. Coimbra: FPCEUC.
- VAZ, Rodrigues (2011) – *Três setas apontadas ao presente. Afonso Ribeiro: o precursor do neo-realismo português foi também escritor moçambicano*. Comunicação ao IV Seminário de Escritores Moçambicanos na Diáspora. Cascais: [s/n].